



Pedagogia psicodramática: humanismo e inovação no ensino e na aprendizagem

Psychodramatic pedagogy: humanism and innovation in teaching and learning

 José Lucas Martins

Especialista / Mestrando

Centro Universitário Internacional UNINTER

Curitiba, PR – Brasil

lucasmartins.psicologia@gmail.com

 Luís Fernando Lopes

Docente / Doutor

Centro Universitário Internacional UNINTER

Curitiba, PR – Brasil.

fernandocater@gmail.com

Resumo: O tema deste estudo de caráter bibliográfico é a pedagogia psicodramática proposta por Maria Alicia Romaña, enquanto prática humanista e inovadora. Diante dos desafios educacionais contemporâneos, a questão que baliza o desenvolvimento das análises apresentadas problematiza: em que medida o método psicodramático pode ser considerado humanista e inovador considerando o contexto da educação básica? Em consonância com essa problemática, o objetivo principal foi analisar a pertinência da aplicação do método psicodramático, enquanto prática humanista e inovadora, no processo de escolarização na educação básica. Nessa perspectiva, os resultados apontam que essa proposta metodológica se responsabiliza social e politicamente com as necessidades humanas dos estudantes para além dos aspectos cognitivos. Embora exija um esforço significativo do professor, ela é uma metodologia ativa proporcionalmente produtora e produtora de aprendizagens significativas e personalizadas. Nesse sentido, ela pode ser considerada inovadora.

Palavras chave: Pedagogia psicodramática; humanismo; inovação; educação básica.

Abstract: The theme of this bibliographical study is the psychodramatic pedagogy proposed by Maria Alicia Romaña, as a humanist and innovative practice. Faced with contemporary educational challenges, the question that guides the development of the analyzes presented, problematizes: to what extent can the psychodramatic method be considered humanist and innovative considering the context of basic education? In line with this issue, the main objective was to analyze the pertinence of applying the psychodramatic method, as a humanist and innovative practice, in the process of schooling in basic education. In this perspective, the results indicate that this methodological proposal is socially and politically responsible for the human needs of students beyond the cognitive aspects. Although it requires a significant effort from the teacher, it is an active methodology that is proportionately productive and produces meaningful and personalized learning. In that sense it can be considered innovative.

Keywords: Psychodramatic pedagogy; humanism; innovation; basic education.

Cite como

(ABNT NBR 6023:2018)

MARTINS, José Lucas; LOPES, Luís Fernando. Pedagogia psicodramática: humanismo e inovação no ensino e na aprendizagem. *Dialogia*, São Paulo, n. 48, p. 1-12, e23926, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/48.2024.23926>

American Psychological Association (APA)

Martins, J. L., & Lopes, L. F. (2023, jan./abr.). Pedagogia psicodramática: humanismo e inovação no ensino e na aprendizagem. *Dialogia*, São Paulo, 48, p. 1-12, e23926. <https://doi.org/10.5585/48.2024.23926>

1 Introdução

A preocupação com uma formação docente qualificada que enfatize o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem é um dado relativamente recente na história da educação. De maneira geral, é possível notar que, ao longo da história, a preocupação com dificuldades de aprendizagem de modo personalizado ficou quase que, exclusivamente, sob a responsabilidade dos professores.

Nessa perspectiva, o objetivo desse estudo foi analisar a pertinência da pedagogia psicodramática enquanto prática humanista e inovadora no processo de ensino e aprendizagem na educação básica. Para tanto, foram investigadas as relações entre o psicodrama e a pedagogia psicodramática; e as relações entre aprendizagem, ensino e humanismo. Assim, a problemática balizadora das análises questionou: em que medida a pedagogia psicodramática poderia se configurar como uma prática inovadora no contexto escolar atual?

Metodologicamente, o estudo é de natureza qualitativa e exploratória (GIL, 2008). Parte-se da consideração de que o método proposto por Romãña, a pedagogia psicodramática, oferece meios para uma prática pedagógica que seja integradora dos saberes vivenciais e formais dos estudantes, possibilitando o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem por meio da ação dramática nos níveis: real, simbólico e imaginário, numa intervenção socioeducacional. Nesse sentido, o estudo pretende explicitar um possível campo de atuação do pedagogo a partir da metodologia desenvolvida por Romãña e, ainda, uma caracterização da didática utilizada nas atividades profissionais.

Espera-se que os resultados desse estudo possam contribuir para a ampliação do conhecimento científico e abrir portas para a discussão do tema pela sociedade. Além disso, espera-se que a pesquisa possa colaborar para a compreensão de caminhos possíveis de superação das defasagens educacionais que, em parte, são produto de uma prática pedagógica tradicional perpetuada no cenário brasileiro.

2 Psicodrama e pedagogia

O psicodrama é um método que, essencialmente, parte da ação para investigar a consciência humana e suas crenças, além das respostas comportamentais apresentadas pelo protagonista. Esse método possibilita, ainda, a partir de suas técnicas, intervenções psicoterapêuticas e socioeducacionais com pessoas e grupos, considerando o foco socioeducacional.

Segundo Moreno (2013), por meio do método psicodramático é possível levar o protagonista a reconhecer seus conflitos internos ou inter-relacionais no contexto do *setting* psicodramático, de forma que possa vir a desenvolver e/ou treinar novas respostas para a resolução

de seus dilemas existenciais. Nesse sentido, o método tem sido utilizado em clínicas, hospitais, organizações, comunidades e em escolas.

De acordo com Altarugio (2019), o médico romeno e adepto do judaísmo, Jacob Levy Moreno, foi o responsável pela criação de uma nova ciência denominada socionomia, que se dedica a estudar as circunstâncias sociais em que o grupo ou o protagonista está inserido e suas relações objetivas e subjetivas com os diversos elementos que a compõem. A socionomia encontra-se fundamentada em um método de pesquisa que parte necessariamente da ação dramática. Ela encontra-se dividida em três grandes áreas: 1) sociodinâmica, 2) sociometria e 3) psiquiatria. O psicodrama é um dos três métodos da psiquiatria. No entanto, como ele ficou amplamente conhecido, quando as pessoas se referem à socionomia, geralmente utilizam o termo psicodrama.

As três grandes divisões da socionomia supracitadas investigam, nesta ordem: 1) os vínculos entre coadjuvantes e protagonistas nos grupos e a dinâmica que esses vínculos estabelecem; 2) a composição do grupo com base na estruturação das escolhas realizadas pelas pessoas que o compõem; e, por fim, 3) as formas de transformação da realidade social por meio de intervenções psicoterapêuticas e socioeducacionais (Moreno, 2013).

A psiquiatria é subdividida a partir de seus métodos de intervenção, que são: 1) o psicodrama, 2) o sociodrama e 3) a psicoterapia de grupo. No psicodrama, a problemática do protagonista é trabalhada com o auxílio do grupo. No sociodrama, é trabalhada uma questão social que atravessa as histórias de todas as pessoas que compõem o grupo. Na psicoterapia de grupo, o próprio grupo é o alvo das intervenções, de modo que ele possa vir a funcionar de forma mais espontânea e criativa.

A construção intelectual e prática proposta por Moreno edificou o paradigma da filosofia do momento. Seu pensamento é produto de suas experiências e vivências com adultos e crianças nas praças públicas da Viena do século XX. Ele tinha como expectativa o desenvolvimento de trabalhos com comunidades e, por isso, ia às ruas buscar desenvolver nas pessoas formas mais espontâneas de se estar no mundo e de se relacionar consigo e com os outros (Altarugio, 2019).

Com relação ao ancoramento científico da pesquisa e das práticas psicodramáticas, Ribeiro (2023), ao problematizar a necessidade de adaptação aos imperativos da ciência positivista, como estratégia de sobrevivência do psicodrama, chama atenção para a necessidade de superar epistemicídios históricos, considerando a decolonialidade na pesquisa e prática psicodramáticas. Para Ribeiro, Moreno precisou adaptar os conceitos que criou à linguagem científica dominante. Entretanto, a partir de uma perspectiva decolonial, é preciso resgatar a proposta original e revolucionária de Moreno, que abre possibilidade para práticas eficientes e criativas.

Conforme Altarugio (2019), a filosofia desenvolvida por Moreno ressalta o ser humano enquanto uma potência criativa. Alguns autores defendem que ele sofreu influência do filósofo Martin Buber e sua filosofia do diálogo. No entanto, há aqueles que defendem que foi Buber quem foi influenciado por Moreno. Com o passar do tempo, adaptações foram realizadas para que o método psicodramático pudesse ser aplicado no consultório dos psicólogos que realizavam, por exemplo, atendimentos psicoterapêuticos individuais.

Assim, essa prática amplia o caminho da atuação profissional e proporciona novas discussões a respeito da teoria do desenvolvimento e do entendimento dos fenômenos psicopatológicos. Nesse cenário, o acolhimento e a compreensão da dor, das emoções e da experiência humana são uma *conditio sine qua non* (Altarugio, 2019).

Conforme Moreno (2013), o fazer psicodramático inicia-se com o aquecimento das pessoas que compõem o grupo no qual a intervenção será realizada. Nessa primeira etapa, os participantes são conduzidos ao contato subjetivo com um tema proposto ou que emerge do próprio grupo. O diretor de psicodrama utilizará sua capacidade de perceber a situação, sua sensibilidade, recursos de ação e técnicas adequadas que permitam naquele momento que um protagonista possa se revelar e expor o seu drama, histórias do cotidiano ou lembranças, que representam também o drama do grupo naquele momento. Nesse sentido, no contexto escolar, cabe ao docente, no papel de diretor, conduzir o encontro. Dirigido pelo docente, o protagonista elegerá as pessoas que representarão com ele a cena que será apresentada.

É preciso destacar que, no contexto do teatro brasileiro, nos últimos dez anos, foram tomadas algumas referências e contribuições para o método sociopsicodramático. O teatro espontâneo foi apresentado a partir de novas modalidades, resguardando sempre o sigilo em relação aos conteúdos emocionais trabalhados, condição também necessária quando se faz educação (Altarugio, 2019).

Para Moreno (2013), como método, o psicodrama, possibilita que, por meio da ação dramática, as pessoas expressem seus comportamentos, suas crenças, sua cultura, sua história, a política que governa sua vida, seus pensamentos e sentimentos, a sociedade, os conflitos relacionais, os princípios morais e a psicopatologia que lhe causa sofrimento existencial.

A partir dessa abertura inicial e alicerçadas em sua filosofia do momento, é possível que as pessoas desenvolvam espontaneidade e criatividade nas respostas apresentadas pelos protagonistas, objetivando a catarse de integração. Por fim, realiza-se o compartilhamento – etapa em que egos-auxiliares e a plateia falam sobre como a cena apresentada tocou em suas próprias histórias, que emoções foram mobilizadas. Nos sociodramas realizados em comunidades, por exemplo, o diretor

busca construir com o grupo respostas espontâneas e criativas como alternativa para o enfrentamento de problemáticas sociais reais (Altarugio, 2019).

No grupo, por meio da ação dramática, aquele que participa de um psicodrama ou sociodrama tem a possibilidade de reviver a experiência que lhe causa algum mal-estar existencial, em um contexto grupal seguro, no qual sua dor é acolhida e suas limitações respeitadas. Essa segunda vez, da cena nuclear reapresentada no contexto psicodramático do “como se...”, é libertadora da primeira cena que aconteceu na realidade passada; promove descargas emocionais e integra os aspectos da subjetividade do protagonista. Permite, ainda, que o protagonista reconheça suas próprias emoções e sentimentos e que se coloque no lugar do outro. Assim, cada pessoa no grupo se torna um agente de promoção da espontaneidade e da criatividade.

Geralmente, os profissionais que já atuam ou pretendem atuar como socionomistas ou psicodramaturgos advêm de diferentes campos. Entre eles, destacam-se: psiquiatras, psicólogos, pedagogos e fonoaudiólogos. Esses profissionais buscam se qualificar para trabalhar com grupos e veem no psicodrama uma possibilidade de desenvolvimento de suas práticas profissionais. Das suas características, o método amplia as possibilidades de intervenção educacional, psicológica e social. O desenvolvimento das pesquisas recentes na área do psicodrama tem relação significativa com a atuação desses novos profissionais.

É preciso mencionar que no Brasil há várias instituições que representam o psicodrama nacional, entre as quais é possível citar: a Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama (ABPS) e a Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP). Essas instituições se dedicam ao desenvolvimento da obra moreniana, ampliando-a teórico e praticamente em sua relação de intervenção com a sociedade brasileira. Desse modo, promovem congressos, eventos, feiras e intercâmbios científicos para o desenvolvimento da ciência socionômica, para demonstrar sua aplicabilidade na realidade brasileira e para manter viva a promessa moreniana de que todos podem desenvolver a sua espontaneidade.

3 Humanismo no ensino e na aprendizagem

A contribuição da pedagoga argentina Maria Alicia Romaña (1927-2012) é fundamental na história do psicodrama no Brasil. Ela realizou sua formação na Asociación Argentina de Psicodrama y Psicoterapia de Grupo (AAPPG), compondo a primeira turma de psicodrama da instituição. Segundo Martin e Altarugio (2022), foi em 1969, em Buenos Aires, no IV Congresso Internacional de Psicodrama – que contou com a presença ilustre de Jacob Levy Moreno – que Romaña apresentou sua criação: a pedagogia psicodramática. Seu método envolvia intervenções

sociodramáticas no contexto da educação e tinha reconhecidamente influências freirianas, vigotskianas e, principalmente, morenianas.

Romaña desenvolveu muitos trabalhos no Brasil quando morou em São Paulo, entre os anos de 1976 e 2005. Aqui, ela foi responsável pela formação da primeira turma de psicodramatistas com foco socioeducacional, como integrante da equipe de Rojas-Bermúdez. Aqui também realizou a publicação de cinco de seus livros. Em 2005, Romaña decidiu retornar para a Argentina com seus filhos e instalou-se em Santa Rosa de Calamuchita, onde desenvolveu um trabalho com a comunidade de preservação da memória de pessoas desaparecidas, com jovens e professores de uma escola rural. Nessa cidade, no ano de 2010, Romaña lançou o livro *Pedagogía Psicodramática y Educación Conciente*, pela editora Lugar Editorial, que recentemente foi traduzido para o português por Alcione Ribeiro Dias (Martin; Altarugio, 2022).

Maria Alicia Romaña também recebeu influências de filósofos, como Henri Paul Hyacinthe Wallon, Jean Jacques-Rousseau, John Dewey; dos pedagogos Dermeval Saviani, Maria Tecla Artemisia Montessori; e do médico Jean-Ovide Decroly (Martin; Altarugio, 2022). Em 1992, ela escreveu sua obra mais conhecida: “Construção Coletiva do Conhecimento”, na qual releva sua concepção pedagógica e seus benefícios para a realização de intervenções sociais.

Ainda de acordo com Martin e Altarugio (2022), a ciência sicionômica moreniana, no entanto, é o que compõe essencialmente o trabalho de pedagogia psicodramática de Romaña, pois a autora corroborava a concepção filosófica de Moreno, que olhava para o ser humano como um ser que constrói seu mundo e a si mesmo a partir de seus vínculos. Romaña demonstrou a aplicabilidade dos instrumentos, métodos e técnicas sicionômicos em reuniões de pais, sala de aula e trabalhos escolares, enfatizando os benefícios dessa aplicação para o processo educativo.

Romaña trouxe para a prática pedagógica psicodramática importantes elementos do método desenvolvido por Moreno. Segundo Martin e Altarugio (2022), ela enfatizou a vivência do real, dos símbolos e do imaginário no processo de dramatização. Ela também acrescentou ao psicodrama suas próprias práticas pedagógicas. A liberdade aparece para a autora no fazer psicodramático, na ação, mesclando o grupo e o jogo como espaços e possibilidades equilibradas de expressão. Acontece nos grupos um processo conhecido como autorregulação grupal, à medida que seus membros interagem entre si.

A prática de papéis psicodramáticos considerados envolve uma resposta que integra pensamentos, emoções, sentimentos e ações. Essa atividade faz ressurgir o significado das palavras, convoca argumentos e gera responsabilidades. A inclusão de valores é algo que ocorre de maneira natural e não se trata de algo programado ou automático. Esse processo permite a interação bidirecional entre o imaginado e a realidade, permitindo a socialização do conhecimento e a criação

de saberes que não são considerados no currículo escolar. A calma para a reflexão é um resultado natural desse processo no qual o uso cuidadoso da sociometria possibilita a superação das tensões e da violência (Romaña, 2012).

Nesse sentido, os pensamentos e sentimentos são revelados por meio da ação em um contexto seguro de exercício lúdico. Os argumentos do protagonista o tornam, simultaneamente, responsável pelos sentidos que cria para a sua realidade. Ele atribui a ela valores de forma espontânea. Assim, imaginação e realidade podem caminhar lado a lado. A sociometria, ferramenta moreniana para a medição dos vínculos, pode ser utilizada para a prevenção da violência.

Para Romaña (2012, p. 59), “[...] há ocasiões em que se escolhe forçar ou impor a solução que temos idealizado, antes de aceitar que existem situações, seres ou fenômenos que são simplesmente diferentes”. A história de um grupo é caracterizada pelos desejos, expectativas e relações estabelecidas pelos seus membros. As regras de funcionamento do grupo são criadas pelo próprio grupo no decorrer do processo do brincar e ou do jogar, de modo que aquele se torna um espaço seguro para o desenvolvimento de tais atividades.

Romaña realizou ainda uma importante distinção entre a didática do drama como prática pedagógica e a utilização dele pelos psicólogos em psicoterapia. Segundo Martin e Altarugio (2022), ao fazer isso, ela abriu espaço para os educadores atuarem com a pedagogia psicodramática e possibilitou aos psicodramaturgos uma atuação socioeducacional, na qual o teatro, mais uma vez, é lembrado pela ampliação do olhar humano para a realidade, a partir da experimentação de diferentes papéis.

Segundo Romaña (1987), quando um educador pensa sua ação futura com seus educandos, ele necessariamente questiona-se sobre: “O quê?”, “para quê?” e como?” ele vai ensinar. Assim, ele se pega refletindo sobre o seu conhecimento, os seus objetivos e o método que emprega nessa tarefa. A autora, ainda, define conhecimento como aquele dado sensorial ou intelectual que passa pelo crivo da afetividade e é assimilado pelo sujeito.

Para Romaña (1987, p. 25), “O método, ou as técnicas didáticas, são mais formativos do que normalmente se pensa”. E, nesse sentido, ela afirma: “Por isso, é necessário utilizar as técnicas didáticas mais integradoras da condição humana, que estejam ao nosso alcance” (Romaña, 1987, p. 25). Assim, o professor se torna o agente responsável, em seu planejamento de aula, pelo desenvolvimento de uma proposta educacional humanizadora e que integre os diferentes aspectos da realidade dos sujeitos atendidos.

Ainda de acordo com Romaña (1987), o psicodrama, quando utilizado como método didático, proporciona a aquisição de conhecimento tanto intuitivo como intelectual. Além disso,

incentiva a participação mais ativa dos alunos e o uso do corpo, permitindo que o professor gerencie o grupo como uma unidade.

Nesse sentido, quando se vale das ferramentas psicodramáticas, os professores têm seu manejo grupal facilitado, pois essas ferramentas permitem que ele desenvolva uma didática que inclua o corpo em ação do aluno; um corpo que busca apreender o mundo intuitivamente e intelectualmente. Um corpo que simboliza o mundo em que está inserido. Ou que, ainda, cria “fantasmas” sobre ele.

À medida que os alunos evoluem, percebe-se que as técnicas dramáticas, ao mesmo tempo que facilitam a integração do conhecimento, facilitam a integração de aspectos socializantes e de estilos de conduta, que abrem novas perspectivas para a sua maneira de agir e de relacionar-se com seu ambiente. (Romaña, 1987, p. 26).

Por fim, é possível verificar que o drama como recurso pedagógico favorece o desenvolvimento de um conhecimento integral do sujeito que vive no mundo e não pode ser fora dele. Assim, por meio da exploração dos aspectos que favorecem a socialização, o aluno pode vislumbrar novas possibilidades de se relacionar com o seu meio; com o meio escolar ou com o meio onde sua aprendizagem acontece. Aí se encontra também a postura humanista em educação.

4 Inovação no ensino e na aprendizagem

Os princípios da inovação psicodramática no contexto da pedagogia remontam ao inverno de Buenos Aires de 1962, quando Maria Alicia Romaña assistia sua primeira sessão de psicodrama. A respeito desse momento, Romaña descreve que estava à procura de um método didático capaz de responder às situações que ela vivenciou e alinhado com a concepção fenomenológica de educação. Essas experiências concretas na compreensão de Romaña estavam lhe apontando o caminho para alcançar a metodologia que buscava (Romaña, 1987).

A partir daí, Romaña, que à época lecionava na Escuela de Bellas Artes Prilidiano Pueyrredón, resolveu realizar um experimento em uma de suas avaliações com os educandos do segundo ano. Ela buscou construir um objeto simbólico que conectasse o conhecimento formal à concretude da realidade. “Com esta experiência comprovei, dentro de minha realidade profissional, a possibilidade [...] de simbolizar um conceito a partir da associação de imagens significativas para a própria pessoa” (Romaña, 1987, p. 18).

A pedagogia de Romaña busca atender às necessidades humanas e integrá-las. Nesse sentido, ela aprofundou seus estudos na teoria sócio-histórica do desenvolvimento, do psicólogo Lev Semionovitch Vigotski, na ciência sicionômica do psiquiatra Jacob Levy Moreno, e na pedagogia da autonomia do brasileiro Paulo Freire. Assim, ela buscou desenvolver uma didática

própria que favorecesse sua proposta. Ela compreendia que era possível dar mais consistência e consciência ao seu método, uma vez que o psicodrama oferece uma trama básica sequenciada. Com isso, seria possível proporcionar redes mais significativas de compreensão (Romanã, 1992).

Nesse sentido, o educador pode utilizar-se da base psicodramática: o aquecimento, a dramatização e o compartilhamento, para promover conscientização e compreensões significativas com os estudantes. O fenômeno da aprendizagem ocorrerá como consequência das relações entre os alunos, seus colegas e o professor. É a partir do grupo que o conhecimento é construído e cabe ao docente uma percepção diagnóstica sobre aquilo que emerge como tema de fundo.

A metodologia criada por Maria Alicia Romanã envolve três estágios vivenciais da ação dramática: a aproximação afetiva e intuitiva a partir de dados reais que surgem da experiência; a aproximação conceitual que explora as questões simbólicas do drama; e a aproximação funcional, quando as fantasias do aluno/grupo protagonista podem ser trabalhadas. Esse é o caminho para o trabalho pedagógico com os temas que emergem em sala de aula com as crianças e adolescentes.

Para Romanã (1992, p. 59), inicialmente, o educador “deveria saber o que está fazendo e o compromisso que está assumindo”. O professor tem a possibilidade de explorar a dramatização dos conteúdos que leciona para seus alunos. O ensino do filosofar, por exemplo, pode proporcionar essa dramatização quando em sala de aula o mestre abre a cena com seu aluno protagonista e convida os demais colegas a participarem da cena, evidenciando as contradições. Assim, o conhecimento se faz obedecendo uma estrutura dialética e dialógica de saber.

Como educadores, entre outras coisas, nós temos uma dupla responsabilidade: de um lado devemos passar o conhecimento no ponto de consenso científico em que se encontra, e de outro devemos favorecer e mesmo provocar possíveis rupturas na “ordem” ou “conservação” desses conhecimentos para estimular novas respostas aos desafios e contradições da realidade. Na verdade, nós sempre oscilamos (e na minha opinião, devemos permanecer fiéis e gratos a essa oscilação) entre sermos porta-vozes do já conhecido e parceiros do novo ou desconhecido. (Romanã, 1992, p. 61).

Nesse sentido, os professores precisam desempenhar um papel educacional um tanto desafiador, pois, ao mesmo tempo que apresentam a perspectiva vigente de ciência e os dados aceitos e compartilhados pela comunidade científica, também precisam criticá-los para que esses possam ser verdadeiramente reconhecidos como dados científicos. Isso está na essência da própria ciência. Já a essência do professor estará mais próxima, justamente, da função ambígua de conciliação e ruptura de saberes.

As práticas pedagógicas psicodramáticas realizadas com grupos de crianças e adolescentes, envolvem a ação, a criatividade, a espontaneidade e a ludicidade. Ela constrói vínculos entre as vivências dos estudantes e o conhecimento formal; ela favorece a experimentação. Vivendo

experiências é que se constrói a sabedoria. A própria Romaña descreve alguns passos de como realizar o aquecimento e direcionar o público para o tema tratado, os quais sintetizamos a seguir:

- 1) Solicitar aos participantes que se concentrem no assunto que está sendo tratado e que procurem pensar em situações do seu dia a dia que possam exemplificar a ideia que eles fazem desse assunto. Esses exemplos não precisam ser fatos acontecidos à própria pessoa que fala nem envolver apenas seres humanos, mas toda a realidade planetária;
- 2) O grupo vai colocando seus exemplos e nosso esforço nesse momento deve estar centrado na necessidade de tornar os exemplos o mais concreto possível. Isso nós conseguimos através de perguntas do tipo: “Onde foi que você viu?”, “Quando aconteceu?”; ou induzindo: “Está certo, mas procure localizar melhor essa situação”, e outras sugestões semelhantes. (Romaña, 1992, p. 64).

Dessa maneira, o aquecimento acontece de forma específica quando o profissional direciona seu público para o tema que será trabalhado. O desafio e a criticidade estarão na conexão entre a formalidade e a subjetividade dos estudantes. Contudo, essa conexão não é tão simples de ser alcançada. O grupo precisará trazer suas ideias para a concretude. E o professor é quem precisará facilitar essa tarefa. Entretanto, ele poderá também dificultá-la.

Em seguida, com as ideias iniciais já elencadas, as cenas são propostas ao grupo e dramatizadas. Nesse momento, os diferentes pontos de vista podem coexistir, assim como a contradição pode se revelar para dar frutos a uma nova forma de olhar para a realidade, para aquele conceito, para a aprendizagem. Então, chega-se ao compartilhamento, etapa característica do método, quando os alunos podem, então, relatar sua experiência no palco, ou como foi afetado em sua historicidade pela atuação do protagonista. Aí, novas conexões podem ser construídas afetivo e intelectualmente. Assim, continuando a descrição dos passos propostos por Romaña, teremos:

- 1) Quando considerarmos encerrada a sequência, solicitamos que o grupo pense quais os pontos ou características comuns a todos esses exemplos dramatizados (resgate de categorias mais objetivas);
- 2) Finalizada essa caracterização dos fatos, propor que os traços sejam transformados ou mostrados mediante uma imagem simbólica ou construção simbólica (ápice do esforço intelectual). Os símbolos são criados e recriados de forma espontânea. (Romaña, 1992, p. 65).

Assim, chega-se ao momento final, ao ápice da metodologia da pedagogia psicodramática: no ponto em que ela se diferencia significativamente do psicodrama clássico. Considerando as reflexões construídas pelo grupo de educandos, após a vivência dramática e suas significações possíveis e partilha, pede-se que eles construam um símbolo que faça a conexão entre o conceito teórico e os dados de realidade associados. Esse é um momento crítico, produtivo, criativo, espontâneo e tético de conexão entre as pessoas. “O símbolo ou os símbolos mostrados (porque os grupos vão criando vários até ficarem satisfeitos e realizados), são a prova da compreensão” (Romaña, 1992, p. 65).

5 Considerações finais

Sobre a aplicação do método proposto por Romaña, foi possível compreender que ele possibilita a integração entre os saberes experienciais, vivenciais e formais dos estudantes. Além disso, é um método que promove uma prática pedagógica que faz uso da ação dramática como recurso para se aproximar racionalmente e afetivamente do aluno. Possibilita, ainda, que o professor possa trabalhar as fantasias relacionadas ao processo educativo com seus estudantes. Nesse sentido, a compreensão do problema foi ampliada.

É possível considerar, ainda, que o método criado por Romaña oferece recursos de integração dos saberes advindos das histórias de vida dos estudantes. As técnicas e recursos desse método favorecem a aproximação entre professor e aluno, pois, nessa proposta, o aluno assume o seu protagonismo no fenômeno educacional e o professor aparece como um auxiliar no trabalho de suas dificuldades e fantasias. Nessa perspectiva, a saúde mental poderá ser uma consequência secundária do trabalho desenvolvido, já que a intervenção é educacional e tem como objetivo a contribuição para que o processo de ensino e aprendizagem se efetive.

Com base nas análises aqui apresentadas, é possível ainda considerar que: 1) a ação dramática poderá ser utilizada como recurso para trabalhar com os alunos os níveis real, simbólico e imaginário do processo de ensino e aprendizagem; 2) que a aproximação entre o conhecimento advindo das experiências de vida do aluno e o conhecimento formal promovem uma integração saudável para o educando.

Por fim, é possível considerar que, apesar de um referencial bibliográfico não tão recente quanto se esperaria de uma proposta que inclui a palavra inovação, a pedagogia psicodramática diferencia-se em muito das práticas pedagógicas tradicionais observadas no contexto escolar brasileiro. Nesse sentido, ela pode ser considerada como uma prática inovadora. Ela é mais trabalhosa e exige um esforço significativo do professor para que ele assuma uma nova atitude em sala de aula, mas é, no entanto, proporcionalmente produtora e produtora de aprendizagens significativas e personalizadas por meio dessa que é uma metodologia ativa; uma metodologia de ação para o ensino.

Referências

ALTARUGIO, M. A. Método educacional psicodramático como metodologia ativa no contexto do estágio supervisionado. *Rev. bras. Psicodrama*. São Paulo, v. 27, n. 1, p. 118-124, jun. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932019000100012. Acesso em: 13 ago. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.15329/0104-5393.20190012>

GIL, A.C. *Métodos e técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTIN, M. A. F.; Altarugio, M. H. *Pedagogia psicodramática: uma proposta de metodologia ativa de Maria Alicia Romaña*. São Paulo: Ágora, 2022.

MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 2013.

RIBEIRO, D. de F. A decolonialidade na Pesquisa e Prática Psicodramáticas: pela superação de epistemicídios históricos. *Revista Brasileira de Psicodrama*, n. 31, 2023. Disponível em: <https://www.revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/596>. Acesso em: 13 out. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v31.596>

ROMAÑA, M. A. *Construção coletiva do conhecimento através do psicodrama*. São Paulo: Papirus, 1992.

ROMAÑA, M. A. Sociedade de controle e pedagogia psicodramática. *Rev. bras. psicodrama*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 57-70, jun. 2012. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932012000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 fev. 2023.

ROMAÑA, M. A. *Psicodrama pedagógico: método educacional psicodramático*. 2 ed. São Paulo: Papirus, 1987.